

## **AVES DE RAPINA**

Organizo as fotografias do próximo artigo. De algum modo, minhas fotografias me trazem à memória o fotógrafo sul-africano Kevin Carter, que chocou o mundo com uma única fotografia: uma ave de rapina à espreita, prestes a atacar um bebê africano desnutrido. Poucos sabem, mas Carter suicidou menos de um ano após o registro que o tornou imortal. Imagino como deve ter sido difícil provar a glória acompanhada do julgamento popular. No intuito de manter a ética profissional, Carter deixou de socorrer a criança. Ainda bem que não corro esse risco. Ser um repórter investigativo tem suas desvantagens, mas ao menos sei que minhas fotos são de criminosos.

Sem aviso, meu chefe adentra a sala. É o redator do jornal onde trabalho. Há três semanas me pressiona para que complete a investigação sobre o desvio de fuzis de um quartel do Exército aqui no Rio de Janeiro. Infelizmente, não tenho nada de realmente valioso. Tudo que consegui até o momento foram peixes pequenos dentro de um mar promissor. Mal atravessa a porta, indaga:

- Então, Tavares. Como anda o artigo do desaparecimento das armas do Exército? –  
senta em minha mesa e analisa as fotos abertas no computador.

Respondo que não tenho nada de substancial. No dia anterior, estive em um quiosque em Sepetiba. Trouxe algumas fotos obtidas com a câmera oculta, mas tudo que consegui foi testemunhar um jovem comprando dois revólveres, um calibre 32 e outro 38 de dois traficantes. Indago se ele quer publicar apenas essa história, porém meu chefe é taxativo ao dizer que isso não vende jornais e, enquanto eu não encontrar a localização dos incontáveis fuzis que sumiram dos quarteis cariocas, é melhor não escrever. Ele sai e decido entrar em contato com uma das fontes que tenho em Bangu. Ainda há esperanças de encontrar ao menos um fuzil. Não me restam dúvidas de que se encontram na Zona Oeste.

Meu contato não está. Deixo recado. Ele pensa que sou um colecionador que quer comprar um fuzil.

Volto a organizar as fotos e, enquanto as analiso, penso na possibilidade de denunciar os pequenos traficantes e o jovem comprador. Por fim, desisto da ideia. Seria muita estupidez. Além de certamente não dar em nada denunciar a venda de um 32 e um 38, ainda corro o risco de estragar meu disfarce de colecionador e perder a linha de investigação.

Meu celular toca. É minha ex-esposa lembrando que eu havia combinado de levar nossa filha à escola hoje, para que ela possa ir ao médico. Emília nunca entendeu minha dedicação ao trabalho. Não foi o único, mas certamente um dos motivos do fim de nosso relacionamento. Indiscutivelmente, é uma mãe superprotetora, mas preciso dar-lhe razão: nossa filha de quatorze anos não deve ir sozinha para a escola. A cidade anda muito violenta e é melhor não dar sorte ao azar.

Levar minha filha à escola de certa forma resolve alguns problemas. Tenho mesmo que esperar o informante dar notícias e prometo à Emília que chegarei em meia hora. Saio do jornal no Centro e dirijo até a Zona Oeste da Cidade. Minha filha está à espera na calçada. Não consigo deixar de me surpreender com o quanto está crescendo rápido. Um sorriso, um beijo estalado no rosto, entra no carro e, durante o percurso de um quilômetro até sua escola, matamos as saudades e conversamos.

Eufórica, me conta dos seus dias, dos professores, de suas aulas de português, do Movimento Modernista, e lembra sorridente que antigamente eu a acordava todas as manhãs com uma poesia. Só recentemente havia notado a importância disso naquele período dos estudos, pois diversas das poesias que lhe apresentei na infância, estudava neste momento. Nessa hora, nossa conversa é interrompida pela campainha do meu celular. É meu informante. Diz que conseguiu uma oportunidade para um colecionador que tem interesse em adquirir um

fuzil. Meu entusiasmo é tanto, que mal reparo minha filha descer do carro em direção ao portão da escola.

Desço do carro, corro em sua direção e digo que não esqueci dela, que fiquei muito comovido em ver que os poemas que eu lhe recitava naquelas manhãs do passado estavam valendo de alguma coisa. Como hoje eu a levaria ao colégio, havia escolhido um poema modernista chamado “Solilóquio” do grande Tasso Azevedo da Silveira para ela. Olho o nome da escola na fachada e sorrio com a coincidência criada por mim.

Ao terminar de recitar, vejo a emoção em seus olhos. Dou-lhe um beijo na testa e aguardo até que atravesse o portão. Ao me virar, esbarro em um homem estranho que entra apressado na escola. Jovem, de uns vinte poucos anos, bastante alto. Fiquei com forte impressão de que o conhecia de algum lugar. Quase sem parar, desculpou-se e entrou na escola. Decerto um professor atrasado para sua aula.

Entro em meu carro e sigo em direção ao local do encontro com o traficante de armas. Caio na Avenida Brasil e o trânsito torna-se moroso, naquela lentidão enervante e cotidiana. Ligo o rádio em busca de uma música para diminuir minha tensão. Ouço a letra que fala de uma “lua iluminada pelo sol” e sorrio, questionando quantas aulas de Ciências o compositor perdeu na escola. A melodia é agradável, mas não consigo tirar da cabeça aquele rapaz que embarrou em mim na saída da escola. É angustiante não se lembrar de alguém...

A música é interrompida pelo locutor, que informa:

“Atenção, acaba de acontecer na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, um atentado. Um homem ainda não identificado entrou no colégio e disparou contra as crianças. As primeiras vítimas que saíram correndo contam que...”

Freio o carro bruscamente:

- MEU DEUS! O SUJEITO DAS FOTOS!